

opusdei.org

Um coração caldeado pela Palavra: respirar com a Sagrada Escritura (II)

A oração de Jesus estava profundamente radicada na Palavra de Deus. Assim também deve ser o nosso diálogo com Deus, mesmo em plena rua.

18/02/2019

Os Evangelhos deixam entrever a frequência com que o Senhor se

referia à Sagrada Escritura na sua pregação. Numa ocasião está a falar claramente acerca da sua divindade, do seu ser um com o Pai (cf. *Jo* 5,19ss). Os seus interlocutores escutam-no perplexos, e mesmo escandalizados, e diz-lhes: «Examinai as Escrituras, já que vós pensais ter nelas a vida eterna: elas são as que dão testemunho de Mim» (*Jo* 5,39). A doutrina que ouviam dos lábios de Jesus parecia-lhes um desafio ao seu zelo por proteger a fé dos seus pais, porque deviam todavia elevar-se a uma inteligência maior; deviam preparar-se para receber, do próprio Deus, «toda a verdade» (*Jo* 16,13): a verdade viva, a verdade em Pessoa, que é Jesus Cristo. A Igreja anima por isso todos os cristãos a aprofundar cada vez mais no «sublime conhecimento de Jesus Cristo (*Flp* 3,8) com a leitura frequente das divinas Escrituras»[1].

O Prelado do Opus Dei convida-nos a centrar uma vez mais o olhar «na Pessoa de Jesus Cristo, a quem desejamos conhecer, tratar e amar»[2]. E como, no dizer de S. Jerónimo, «o desconhecimento das Escrituras é desconhecimento de Cristo»[3], a Sagrada Escritura só pode ter mais importância à medida que avançamos no nosso caminho cristão, até ao ponto de que «*respiremos* com o Evangelho, com a Palavra de Deus»[4]. Se a Sagrada Escritura é «a alma de toda a teologia»[5], também é chamada a estar no centro do nosso pensamento e da nossa vida. De um modo gráfico, o Santo Padre colocava nesse sentido umas perguntas que dão que pensar: «o que sucederia se usássemos a Bíblia como tratamos o nosso telemóvel? Se a levássemos sempre connosco, ou ao menos o pequeno Evangelho de bolso, que sucederia? Se voltássemos atrás quando nos esquecemos dela: tu esqueces-te do

telemóvel – oh! – não o tenho comigo, volto atrás e vou buscá-lo; se a abríssemos várias vezes ao dia; se lêssemos as mensagens de Deus contidas na Bíblia como lemos as mensagens do telemóvel, que sucederia?»[6].

Da Escritura para a vida

Escrevendo a Timóteo, que estava à frente da Igreja de Éfeso, S. Paulo recorda-lhe: «desde menino que conheces a Sagrada Escritura que te pode dar a sabedoria que conduz à salvação por meio da fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir e para educar na justiça, com o fim de que o homem de Deus esteja bem disposto, preparado para toda a obra boa» (2 *Tim* 3,15-17). O Apóstolo diz literalmente, se atendermos ao texto grego, que o homem de Deus – quem vive da sua Palavra – está “equipado”

para atuar: tem já o verdadeiramente necessário para a sua vida de apóstolo. Mais rotundamente o diz o salmista, na extensa meditação sobre a Palavra de Deus que é o salmo 119: «Melhor é para mim a Lei da tua boca do que montões de ouro e de prata» (*Sal* 119 [118], 72).

Jesus chama-nos a identificar-nos com Ele, a viver n'Ele. E espera-nos, como dizia com frequência S.

Josemaría, no «Pão e na Palavra»[7]: na sua presença silenciosa e eficaz na Eucaristia, e no diálogo, sempre aberto por parte de Deus, da oração. Este diálogo, mesmo quando decorre sobre mil uma coisas da nossa vida quotidiana, encontra o seu núcleo mais íntimo na Escritura. Assim seria a oração de Jesus: profundamente radicada na Palavra de Deus. E assim também deve ser a nossa. «Ao abrires o Santo Evangelho pensa que não só tens de saber o que ali se narra - obras e ditos de Cristo - mas

também tens de o viver. Tudo, cada ponto relatado, foi recolhido, pormenor a pormenor, para que o encarnes nas circunstâncias concretas da tua existência. Nosso Senhor chamou os católicos para o seguirem de perto e, nesse Texto Santo, encontras a Vida de Jesus; mas, além disso, deves encontrar a tua própria vida. Aprenderás a perguntar tu também, como o Apóstolo, cheio de amor: "Senhor, que queres que eu faça?"... - A Vontade de Deus! - ouvirás na tua alma de modo terminante. Então, pega no Evangelho diariamente, e lê-o e vive-o como norma concreta. Assim procederam os santos»[8].

«*Viva lectio est vita bonorum*»[9], dizia S. Gregório Magno: a vida dos santos é uma leitura viva da Escritura; uma leitura encarnada, transformada em gestos, palavras, obras. Se os Padres da Igreja diziam que, com a Encarnação, o Senhor

compendiou a sua Palavra, ‘abreviou —a’[10], também nas vidas dos santos Jesus se ‘abrevia’: a palavra de Deus faz-se pequena, para se estender depois pelo mundo através das suas obras e palavras. À medida que se sucedem na história as gerações de cristãos, «O dia transmite ao dia a mensagem e a noite conta a notícia a outra noite (...) Por toda a terra se difundiu a sua voz e aos confins do mundo chegou a sua palavra» (*Sal* 19 [18],3.5).

Não é uma casualidade, considerava Bento XVI, «que as grandes espiritualidades que marcaram a história da Igreja tenham surgido de uma explícita referência à Escritura»[11]: o vigor desses ramos da grande árvore da Igreja deriva da «força do Espírito de Deus» (*Rm* 15,19), que «tudo esquadrinha, mesmo as profundidades de Deus» (*1 Cor* 2,10). Também sucede assim com as conversões pessoais, e tantas vidas

de profunda e corrente santidade que passam ocultas à história, mas que atuam poderosamente sobre ela, de modos que só Deus conhece: «A Igreja está cheia de santos escondidos!»[12]. Alimentam-se, todos eles, da Escritura: porque ainda mais do que de pão, o homem vive «de toda a palavra que procede da boca de Deus» (*Mt 4,4*).

Mais ricos das suas palavras

Para que a Palavra de Deus se converta em alimento das nossas almas, necessitamos de desenvolver uma atitude de escuta, mesmo quando ainda não compreendamos bem o que Deus nos quer dizer. Possivelmente ao princípio os apóstolos entenderam pouco do discurso eucarístico do Senhor em Cafarnaum; mas S. Pedro disse-Lhe, da parte de todos – também da nossa parte: «Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna» (*Jo*

6,68). A Virgem Maria também nem sempre entendia tudo o que Jesus fazia e dizia, mas escutava e meditava com calma: «guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2,52).

«Todos podemos – comenta o Papa Francisco – melhorar um pouco neste aspeto: converter-nos todos em melhores ouvintes da Palavra de Deus, para sermos menos ricos das nossas palavras e mais ricos das suas Palavras. Penso no sacerdote, que tem a tarefa de pregar. Como pode pregar se antes não abriu o seu coração, não escutou, no silêncio, a Palavra de Deus? (...). Penso no pai e na mãe, que são os primeiros educadores: como podem educar se a sua consciência não está iluminada pela Palavra de Deus, se o seu modo de pensar e de agir não é guiado pela Palavra? (...) E penso nos catequistas, em todos os educadores: se o seu coração não está caldeado pela

Palavra, como podem caldear o coração dos outros, das crianças, dos jovens, dos adultos? Não é suficiente ler a Sagrada Escritura, é necessário escutar Jesus que fala nela»[13]. Se procuramos crescer sempre nesta atitude de escuta, que se nutre também do estudo e da leitura espiritual, poderemos dizer cada vez mais com o profeta Jeremias: «Bastava descobrir as tuas palavras e eu já as devorava. As tuas palavras para mim são prazer e alegria do meu coração» (Jr 15,16).

A leitura e meditação da Escritura requer tempo e calma. «Na presença de Deus, numa leitura repousada do texto, é bom perguntar, por exemplo: “Senhor, que me diz a mim este texto? Que queres mudar na minha vida com esta mensagem? Que é que me desagrada neste texto? Porque é que isto não me interessa?” ou então: “Que é que me agrada? Que é que me estimula nesta Palavra? Que é que

me atraí? Porque é que me atraí?”»[14]. Ao escutar uma palestra, uma aula, uma homilia, as pessoas agradecem que se cite a Escritura, se se procura que estas referências não sejam algo ornamental, ou um mero pretexto para falar de um tema: trata-se de que a Palavra de Deus fundamente e ilumine o que se diz, e de que o texto sagrado esteja envolvido pelo calor de quem o estudou e meditou, com a cabeça e o coração.

Também é necessário escutar os silêncios de Jesus. «Sabemos pelos Evangelhos – escreveu recentemente o Papa emérito Bento XVI – que Jesus passava muitas vezes a noite sozinho “no monte” a rezar, em diálogo com o Pai. Sabemos que o Seu falar, a Sua palavra, provém destes tempos de silêncio e que só no silêncio podia amadurecer. Por isso, é esclarecedor que a Sua palavra só possa ser corretamente compreendida se

entrarmos no Seu silêncio, se aprendermos a escutar a partir do modo como guardava o silêncio. É certo que, para interpretar as palavras de Jesus, precisamos de uma competência histórica que nos permita compreender o tempo e a linguagem de então. Mas isto só não basta, em todo o caso, para captar verdadeiramente a mensagem do Senhor em toda a sua profundidade. Quem hoje lê os comentários, cada vez mais volumosos, dos Evangelhos, acaba por se sentir desiludido. Aprende muitas coisas úteis sobre o passado e muitas hipóteses que, no final, em nada favorecem a compreensão do texto. No fim, fica-se com a sensação que àquele excesso de palavras fica a faltar qualquer coisa de essencial: entrar no silêncio de Jesus, do qual nasce a Sua palavra. Se não conseguirmos entrar neste silêncio, a nossa escuta da palavra será sempre superficial, e, portanto,

não a compreenderemos
verdadeiramente»[15].

Pela mão de S. Josemaría

«Cada santo é como um raio de luz que sai da Palavra de Deus»[16]. E no Opus Dei, o Evangelho recebe uma luz especial dos ensinamentos e da experiência vivida de S. Josemaria. Como ele, entramos na vida de Jesus «como um personagem mais»: somos José, Simeão, Natanael, Simão de Cirene, Maria Madalena... e sobretudo o próprio Cristo, filhos no Filho. Diz-se que, embora se possa remediar a fome de uma pessoa dando-lhe um peixe, vale muito mais ensiná-lo a pescar. Do mesmo modo, S. Josemaria não só nos deu as suas glosas do texto sagrado, como também nos ensinou a lê-lo: como uma criança, contemplando. Os seus ensinamentos ajudam-nos a aprofundar no Evangelho e o próprio Evangelho faz-nos compreender

melhor o espírito que Deus lhe confiou, que é «velho como o Evangelho, e como o Evangelho novo»[17]. Daí, por exemplo, que algumas aulas de formação cristã comecem com a leitura comentada do Evangelho; e que, nos Centros da Obra, o dia termine com um simples e breve comentário do Evangelho do dia.

Já no ano de 1933, S. Josemaria tinha um elenco de 112 textos do Novo Testamento com algumas glosas ocasionais muito breves. Tratava-se de um documento de oito fichas manuscritas que tinha encabeçado com a inscrição: «Palavras do Novo Testamento, repetidas vezes meditadas»[18]. Cada um terá, talvez, de um modo ou de outro, o seu próprio elenco, escrito em papel, ou no fundo da alma: palavras ou gestos de Jesus, episódios ou diálogos que nos falam de um modo eloquente, que um dia lemos ou ouvimos com

uma luz particular, sem que pudesse falar-se de um acontecimento extraordinário: pelo momento concreto, pelo ambiente da nossa alma, ou por alguma circunstância... Talvez fossem como uma resposta a algo que procurávamos, ou então que nos surpreenderam, ou nos deram segurança. Confirmaram-nos na fé, no caminho, no Amor. Faz-nos muito bem nutrir essa leitura pessoalíssima do Evangelho, também ao compasso da liturgia: às vezes, um versículo do Novo Testamento servir-nos-á de meditação durante o dia e será um meio de conservar a presença de Deus.

A Virgem Maria acompanha-nos neste caminho para conhecer Cristo e segui-l'O de perto, como os primeiros doze[19]: «Maria, mulher da escuta, faz com que se abram os nossos ouvidos; que saibamos escutar a Palavra do teu Filho Jesus entre os milhares de palavras deste mundo

(...). Maria, mulher da decisão, ilumina a nossa mente e o nosso coração, para que saibamos obedecer à Palavra do teu Filho Jesus sem vacilações (...). Maria, mulher da ação, faz com que as nossas mãos e os nossos pés se movam “com pressa” em direção aos outros, para levar a caridade e o amor do teu Filho Jesus, para levar, como tu, a luz do Evangelho ao mundo»[20].

Guillaume Derville

* * *

Leituras para aprofundar

Em www.collationes.org pode consultar-se uma lista de títulos de divulgação para aprofundar em diferentes aspetos e livros da Sagrada Escritura.

- [1] Concílio Vaticano II, Const. Dogm. *Dei Verbum* (18-XI-1965), 25.
- [2] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, 8.
- [3] S. Jerónimo, *Comentariorum in Isaiam*, Prólogo (PL 24, 17).
- [4] F. Ocáriz, Carta pastoral, 5-IV-2017.
- [5] Concílio Vaticano II, Decreto *Optatam Totius* (28-X-1965), 16.
- [6] Francisco, Angelus, 5-III-2017.
- [7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 122.
- [8] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.
- [9] S. Gregório Magno, *Moralia in Job* 24,8,16: PL 76, 295.
- [10] Cf. Bento XVI, Ex. Ap. *Verbum Domini* (30-IX-2010), 12.

[11] Bento XVI, *Verbum Domini*, 48.

[12] Francisco, Homilia em Santa Marta, 11-V-2017.

[13] Francisco, Discurso, 4-X-2013.

[14] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), 153.

[15] Bento XVI, epílogo à segunda edição inglesa de R. Sarah, *La force du silence* (Fayard, 2016; Ignatius, 2017). Na edição portuguesa da Principia (marca: Lucerna), este texto é um encarte gratuito da obra *A força do silêncio*.

[16] Bento XVI, *Verbum Domini*, 48.

[17] S. Josemaria, *Carta 9-I-1932*, 91 (citado em E. Burkhart – J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, Rialp, Madrid 2010, vol. I, p. 17).

[18] Cf. Francisco Varo, S. Josemaría Escrivá de Balaguer, “Palabras del

Nuevo Testamento, repetidas veces meditadas. Junio – 1933”, em *Studia et Documenta* 1 (2007) 259-286.

[19] Cf. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 299.

[20] Francisco, Oração a Maria, 31-V-2013.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/respirar-com-a-sagrada-escritura-ii/> (25/03/2025)